

**Desafios para o ensino laboratorial do jornalismo esportivo:  
*Doutores da Bola e a rotina produtiva nas coberturas ao vivo*<sup>1</sup>**

Ricardo PAVAN<sup>2</sup>

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

**Resumo:**

O **Doutores da Bola** é uma atividade laboratorial do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás transformada em projeto de extensão que consiste na transmissão ao vivo de jogos envolvendo as equipes goianienses em competições regionais, nacionais e até internacionais. Os jogos de futebol são exibidos pela Rádio Universitária 870 AM de Goiânia. As coberturas, com direito a pré e pós-jogo, têm duração média de 3 horas e contam com a participação de pelo menos sete alunos nas funções de plantão de estúdio, âncora, repórter, comentarista e narrador, além de equipe técnica. O projeto chega a 2015 no seu décimo-quinto ano de existência com a realização de mais de 950 jornadas e se constitui um laboratório referencial no campo de ensino do jornalismo esportivo.

**Palavras-chave:** Jornalismo esportivo, laboratório radiofônico, ensino de rádio, futebol no rádio.

**A perspectiva laboratorial no ensino de jornalismo**

É inegável que a prática laboratorial tem proporcionado um conhecimento singular nas escolas de jornalismo. Mais que aspectos teóricos ligados ao campo midiático-jornalístico, o saber prático atinge um grau de interesse maior, transformando-se numa tônica nas matrizes curriculares dos cursos de jornalismo espalhados pelo país. Nesse cenário, a prática laboratorial conquista espaços e exige das escolas de jornalismo

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP de Rádio e Mídia Sonora, no XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, no Rio de Janeiro (RJ).

<sup>2</sup>Professor da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, Jornalista e Doutor em Comunicação (Unisinos-RS), Coordenador das atividades laboratoriais do Curso de Jornalismo da UFG na Rádio Universitária 870 AM, Goiânia (GO). Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/1247890099444160>. Email: [pavan.ufg@gmail.com](mailto:pavan.ufg@gmail.com).

singularidades pedagógicas que atendam esse universo do aprendizado acadêmico-profissional. A relevância dos laboratórios nos currículos dos cursos é entendida por Santuário (2006) como uma instância onde se tem a liberdade de incentivar um fazer criativo e experimental capaz de superar a prática mercadológica consagrada e contribuir na sua transformação e aperfeiçoamento.

Nas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de bacharelado em Jornalismo<sup>3</sup>, as atividades laboratoriais recebem destaque nos seis eixos que organizam os projetos pedagógicos. No item seis do sexto artigo da Resolução CNE/CES 1/2013, o texto explicita que a prática laboratorial tem por objetivo adquirir conhecimentos e desenvolver habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores. Além disso, possui a função de integrar os demais eixos, alicerçado em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva periodicidade regular. Assim, embora as novas DCNs enfatizem a realização de duzentas horas de estágio obrigatório, os laboratórios aparecem como um dos pilares do ensino de jornalismo, tendo inclusive uma atribuição transdisciplinar.

E a diferença entre o estágio e as atividades laboratoriais são flagrantes. Para Spenthof (2010), o primeiro é realizado num ambiente genuíno e sob supervisão profissional, estando mais circunscrito à aplicação de conhecimentos e vivência profissional; enquanto os laboratórios são caracterizados pela experimentação, ocorrem em ambiente acadêmico e contam com a orientação pedagógica de um professor. Ele ainda acrescenta que uma experiência não exclui a outra, sendo comum os estudantes laboratoristas seguirem posteriormente para o estágio no intuito de ampliar sua formação no âmbito do mercado de trabalho. Mais que isso, os laboratórios trazem ao aluno a oportunidade de participar de um espaço capaz de agregar uma diversidade de ideias e perspectivas que convivem na sociedade.

O papel dos laboratórios nos cursos de jornalismo, nesse sentido, é contribuir no processo de democratização da comunicação, reforçar sua pluralidade, valorizar e enriquecer a variedade das linguagens. Tal processo necessita ser gerado em um ambiente preparado para interpretar profunda e amplamente a realidade, e se habilite a valorizar a informação e a cultura, explicitando seus valores sociais, renovando e incorporando os mais recentes dispositivos na produção da informação jornalística.

---

<sup>3</sup> Resolução CNE/CES 1/2013. Diário Oficial da União, Brasília, 1º de outubro de 2013 – Seção 1 – p. 26.

## A experiência dos laboratórios de jornalismo na Rádio Universitária 870 AM

A relação do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG com a Rádio Universitária 870 AM<sup>4</sup> é antiga. De acordo com Spenthof (2010), o início das atividades laboratoriais na emissora datam de 1972. Nas duas décadas seguintes, porém, o vínculo sofreu altos e baixos em razão da carência de um sistema de produção, provocado por fatores como a falta de professores ou de profissionais e de incentivos aos estudantes, aspectos que impossibilitaram a sequência das experimentações radiofônicas<sup>5</sup>. A fase atual dos laboratórios de rádio inicia em 1996, quando uma nova metodologia de trabalho passa a ser adotada e prevê a presença efetiva de um professor-orientador. A mais recente conquista dos laboratórios foi a liberação pela Pró-Reitoria de Graduação de 10 monitores para coordenarem a edição dos programas produzidos pelos alunos.

A atual sistematização dos programas laboratoriais na Rádio Universitária 870AM prevê uma produção média de 20 horas no decorrer da semana. Aproximadamente 80 alunos frequentam anualmente os cinco laboratórios radiofônicos oferecidos pelo Curso de Jornalismo da FIC-UFG e se dividem nos programas *Panorama*<sup>6</sup>, *Jornal das Seis*<sup>7</sup>, *Fanático Esporte Clube*<sup>8</sup>, *Matéria Prima*<sup>9</sup> e *Doutores da Bola*<sup>10</sup>. Sob a supervisão de dois

---

<sup>4</sup>A emissora também pode ser acessada pelo endereço eletrônico [www.radio.ufg.br](http://www.radio.ufg.br).

<sup>5</sup>A única exceção foi a segunda metade da década de 1980, quando cerca de 40 alunos de Jornalismo e Radialismo dividiam 20 bolsas de um salário mínimo. Nessa época, os estudantes chegaram a produzir a programação vespertina da emissora de segunda a sexta-feira, ampliando as atividades para horários alternativos do final de semana (SPENTHOF, 2010, p.94).

<sup>6</sup> **Panorama** (segunda a sexta-feira, da 17h às 18h) Neste laboratório, os estudantes desenvolvem um programa voltado para o jornalismo cultural, com a veiculação de entrevistas, reportagens especiais, críticas de cinema e literatura e realização de pequenos perfis de pessoas ligadas à arte e a cultura. Embora traga relatos de produtores culturais e artistas de todas as partes do Brasil e do mundo, a ênfase do programa é para a produção cultural goiana, com divulgação constante de tudo que acontece em Goiânia nesse âmbito.

<sup>7</sup> **Jornal das Seis** (segunda a sexta-feira, das 18h às 18h30) É dos laboratórios o que mais se enquadra nos formatos do radiojornalismo de referência. O programa é um dos principais trampolins dos estudantes para o mercado de trabalho profissional. O estudante tem a oportunidade de escrever, realizar entrevistas, produzir e editar reportagens, além de desenvolver a locução na apresentação do noticiário como última etapa da formação semestral.

<sup>8</sup> **Fanático Esporte Clube** (segunda a sexta-feira, das 18h30 às 19h) O laboratório pretende oportunizar ao estudante um aprendizado na área do jornalismo esportivo, indicando todos os passos para a produção de um programa radiofônico com esta temática. O aluno elabora textos, participa de coberturas de treinos e coletivas de imprensa, realiza a gravação de entrevistas, faz comentários esportivos, desenvolve sua capacidade de improviso em debates e apresenta o programa na Rádio Universitária.

<sup>9</sup> **Matéria-Prima** (sábados, das 14h às 16h) O laboratório produz uma rádio-revista semanal, com reportagens e entrevistas mais aprofundadas tratando de diferentes temáticas alusivas a questões contemporâneas do universo sociocultural goiano. Da mesma forma que o **Panorama**, o programa também acompanha *in loco* eventos culturais que acontecem em Goiânia e no estado, entre eles, o Canto da Primavera, Música no Campus e Festival Internacional do Cinema Ambiental (FICA).

<sup>10</sup> **Doutores da Bola** (horários de acordo com o calendário da FGF, Conmebol e CBF) O laboratório consiste na transmissão de jogos de futebol dos times profissionais goianos em competições do certame regional, nacional e internacional. Como o programa é o recorte principal do *paper*, será melhor detalhado na decorrer

professores-orientadores, eles atuam em uma sala de cerca de 45 m<sup>2</sup>, onde se encontram 12 computadores utilizados para redação de textos e edição de áudio. O espaço está anexo aos estúdios da Rádio Universitária, nos quais, além da apresentação, os estudantes também podem gravar e editar entrevistas e áudios diversos.

Ex-coordenador das produções laboratoriais radiofônicas do Curso de Jornalismo da FIC-UFG e responsável pela atual grade de programação desenvolvida pelos estudantes, o professor Edson Spenthof (2010) entende que as atividades na Rádio Universitária 870 AM atravessam todas as áreas do fazer jornalístico:

É o único laboratório que tem jornalismo geral, cultural e esportivo diário, durante 365 dias ao ano. E também é o único que mantém uma periodicidade rigorosa nos seus programas semanais. Nas atividades laboratoriais da Rádio Universitária, apesar das dificuldades, tem sido possível reproduzir um ambiente jornalístico real, que leva o estudante a *aprender fazendo e fazer pensando* todo o processo de produção jornalística (SPENTHOF, 2010, p.99-100).

Para ele, a efetividade dos laboratórios depende da presença de um professor-orientador que seja capaz de emprestar cotidianamente sua experiência profissional e pedagógica na formação dos estudantes. Unzelte e Prado (2009) destacam, por sua vez, que os órgãos laboratoriais ajudam a introduzir o aluno no dia a dia da profissão, permitem o desenvolvimento de trabalhos extracurriculares em áreas de seu interesse, bem como destiná-los a um público que não se restringe aos limites da faculdade. Nesse sentido, a experiência nos laboratórios de rádio proporciona diversos tipos de conhecimentos, como o de vivenciar o cotidiano da Rádio Universitária 870 AM e de trabalhar questões de convivência com diversos tipos de fontes e estilos jornalísticos, o que faz o estudante aprender, confrontar e adequar-se às práticas da profissão.

Dessa forma, os programas laboratoriais trazem um conjunto de práticas para a formação dos estudantes do Curso de Jornalismo da FIC-UFG que se interessam pela área de produção em áudio em diferentes campos da profissão. “Com o cuidado de não ‘entrincheirar-se’ no mundo das teorias, o estudante pode ser conduzido a desenvolver práticas intra-acadêmicas que respondam as necessidades e possibilidades inexploradas ou pouco utilizadas no universo radiofônico” (SANTUÁRIO, 2006, p.99). Um espaço no qual o aluno tem a possibilidade de exercitar a pauta, a redação, a entrevista, a reportagem, a

edição e a locução de programas informativos, musicais, culturais e esportivos, atendendo os princípios éticos do jornalismo. Ou, como observa Lopes (2001), o laboratório deve criar um ambiente propício para a reprodução dos processos jornalísticos em experimentações reais e com a devida publicação do material produzido.

### **A 'especialização' no jornalismo esportivo**

A questão da especialização no jornalismo é bastante controversa. Vilas Boas (2005) procura diferenciar o jornalismo especializado do jornalismo praticado por editoriais. Para ele, especialidade deveria significar compreensão profunda de questões-chave relacionadas a macrotemas do conhecimento humano. E é neste campo que o autor insere o jornalismo esportivo, mesmo reconhecendo ser impossível o fato de um profissional dominar os meandros de todas as modalidades esportivas. Barbeiro e Rangel (2013) preferem ignorar esta definição: “Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. (...) A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p.13).

Desse modo, é possível constatar que a especialização, seja na área esportiva ou em qualquer outra, pressupõe, acima de tudo, domínio sobre o conteúdo abordado e credibilidade ao jornalista. Para Vilas Boas (2005), a condição de ser um dos temas mais debatidos pelo público, atrair pessoas de todas as idades e camadas sociais, tornou o esporte um fenômeno lucrativo, negócio de proporções mundiais, motivo para tendências e modismos. Por se dedicar exclusivamente a um tema de domínio público, Coelho (2003) revela que o jornalismo esportivo sempre viveu sob preconceitos, carregando o rótulo de “editoria inferior” às demais especializações do jornalismo. Para piorar a situação, no olhar de alguns críticos, o jornalismo esportivo ainda é visto como mera fonte de entretenimento. Em artigo sobre o tema, Messa (2005) afirma que o jornalismo esportivo diário é, na realidade, um jornalismo de amenidades.

Independente de uma ou outra perspectiva sobre o campo, Coelho (2003) entende que, assim como toda área jornalística, o jornalismo esportivo segue as premissas básicas da profissão, de isonomia e compromisso com a verdade. O autor observa que toda rotina e o processo de produção do jornalismo esportivo, como a definição de pauta, o *deadline* e linha editorial, seguem os padrões jornalísticos das demais áreas. Mas isso não se reflete na preferência dos assuntos por parte do público, pelo menos no território nacional: “Se o

brasileiro soubesse de política, economia e cidadania o que sabe de Seleção Brasileira, Flamengo e Corinthians, certamente o Brasil seria outro; se o presidente da República e o ministro da Fazenda fossem cobrados como o técnico da Seleção talvez nós fôssemos os Estados Unidos” (BETING, 2005, p.16-17).

No caso brasileiro, aliás, a relação entre imprensa e esporte foi fruto do desenvolvimento do futebol como objeto de consumo. Nota-se que a evolução e a consolidação do jornalismo esportivo está intimamente ligada com a popularização e fortalecimento do futebol como o esporte nacional. Ferrareto (2014) chama a atenção para o fato de que o esporte consitui-se em objeto tão importante que, nas grandes emissoras de rádio, leva à criação de uma área organizacional própria, que adquire a denominação de central ou departamento, predominando o foco sobre o futebol. Messa (2005) reclama que mais de 80% das notícias esportivas no país tratam exclusivamente de futebol. Unzelte e Prado (2005), por sua vez, relativizam o quadro: “O fato de, nas editorias de esporte, a equipe que se dedica ao futebol geralmente ficar separada da que faz as demais modalidades esportivas não significa que quem se dedica àquele jamais precisará cobrir outros esportes” (UNZELTE e PRADO, 2005, p.90). O inverso também é verdadeiro, ou seja, se há dificuldade de se conquistar reconhecimento profissional trabalhando com futebol, o menosprezo é ainda maior com outros esportes.

Por outro lado, as coberturas ao vivo sempre se revelam como um espetáculo a parte no âmbito do jornalismo esportivo. Neste cenário, o rádio e a televisão alcançaram maior notoriedade. No rádio, a narração de um gol ou um drible no adversário na voz do locutor esportivo faz florescer a emoção do ouvinte. A imaginação do espectador pode ir ao extremo, em cada lance a adrenalina aumenta na expectativa de um grito mais agudo do locutor. Boa parte dos torcedores que freqüentam estádios de futebol usam celular ou mesmo o velho radinho de pilha para ouvir o jogo. Além de facilitar o acompanhamento do confronto, pelo rádio o ouvinte fica sabendo de resultados de outros jogos que acontecem simultaneamente e comentários sobre a partida, sem falar da emoção de ouvir o gol do time de coração na voz de um narrador radiofônico.

A transmissão do evento esportivo é, por si só, um fenômeno radiofônico o qual no Brasil tem conotações que transcendem o fazer jornalístico, pois, com seus jargões e chavões típicos e quase sempre originais, o locutor esportivo não apenas retrata fielmente o desenrolar da partida de futebol, mas dá contornos poéticos à sua descrição (BARBOSA FILHO, 2003, p.107).

Para Barbeiro e Rangel (2013), a transmissão esportiva não é nada mais do que um programa que sai do estúdio e vai para o estádio. Os autores contestam a espetacularização desses eventos, que transformam ídolos em mitos e atletas em semideuses. “A emoção é a própria alma do esporte. Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadras e pistas. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p.45). A crítica aqui é direcionada ao exagero e ao superdimensionamento de pequenos fatos que confundem a imaginação do espectador.

Por outro lado, ninguém nega que as narrações esportivas incorporam os diferentes elementos da linguagem radiofônica em uma sintaxe singular ao próprio rádio, a fim de compor uma obra essencialmente sonora com potencial de sugerir ‘imagens auditivas’ no imaginário do ouvinte. Neste tipo de cobertura, o rádio é capaz de despertar em sua audiência a intenção fática, falando e provocando o ouvinte, cobrindo a necessidade de todo o ser humano tem de sentir-se vivo. Milhares de ouvintes-torcedores compreendem a força dessa companhia. Driblando o tédio, ligando e desligando, alienando e conscientizando, o rádio assegura sua presença na área do jornalismo esportivo.

### **A experiência pioneira do *Doutores da Bola* no ensino do jornalismo esportivo**

As atividades laboratoriais no âmbito esportivo do Curso de Jornalismo da UFG na Rádio Universitária remonta ao início dos anos 1990, quando um grupo de estudantes apresentava o extinto programa “Acadêmicos do Esporte”. Alguns anos depois, uma aluna do curso, Ana Lúcia Jardim, elaborou um Trabalho de Conclusão do Curso que contemplava a transmissão ao vivo de uma partida de futebol. A produção contava com apresentador, narrador, comentaristas, repórteres e plantonista. A ideia foi encampada pelo professor Nilton Rocha e por dois técnicos de áudio da Rádio Universitária da UFG: Aurelivaldo Ferreira e Wilmar Ferraz. Dessa forma, em setembro de 2000 surgiu o programa “Doutores da Bola”<sup>11</sup>, que, 15 anos depois, está próximo de completar a milésima transmissão esportiva.

É fato que ao longo do período, a proposta teve transformações e descontinuidades proporcionadas principalmente pela dificuldade no acompanhamento e supervisão das

---

<sup>11</sup>MAIA, Alex. Esporte nas ondas da Rádio Universitária. In: **Jornal UFG**, Ano IX, nº 70. Goiânia, março de 2015, p. 14.

transmissões que sempre ocuparam horários alternativos na grade de programação, tendo em vista que os jogos de futebol normalmente são realizados à noite ou nos finais de semana. Por outro lado, já viveu momentos áureos, nos quais as transmissões de jogos entre times da cidade de Goiânia rendiam, além de uma boa audiência e de equipamentos adequados, uma pequena bolsa para os estudantes que atuavam nas coberturas esportivas. O rompimento do contrato com a Prefeitura de Goiânia deixou o projeto de extensão “Doutores da Bola” com uma série de problemas de ordem estrutural e também de participação de alunos. Ao mesmo tempo, esta dificuldade serviu para indicar um novo caminho para a proposta: as transmissões deixaram de ter um caráter comunitário com a falta de apoio financeiro e passavam a ter um caráter mais profissional, com a cobertura de jogos envolvendo as grandes equipes do futebol goiano.

A mudança vinha ao encontro do próprio caráter 'nacional' que é denominado à Rádio Universitária 870 AM, de Goiânia<sup>12</sup>. O espaço de atuação das equipes de estudantes foi deslocado da periferia da capital para o estádio Serra Dourada. O olhar sobre os campos de várzea e a proximidade dos emissores com o espaço das torcidas deram lugar à uma cabine exclusiva no mais importante palco esportivo de Goiás. O novo ambiente também trouxe uma motivação especial à prática do jornalismo esportivo ao vivo: os estudantes passaram a experimentar as coberturas ao lado de profissionais, não apenas do rádio, mas de outras mídias, e de todas as regiões do país. Esta condição propiciou, como consequência, um maior comprometimento em relação às atividades e a necessidade de uso permanente da cabine da Rádio Universitária no Serra Dourada.

A despeito das dificuldades de toda a natureza na realização de transmissões esportivas, o projeto “Doutores da Bola” chega ao seu 15º ano no mês de setembro de 2015 com muito fôlego, capaz de realizar três transmissões esportivas por semana, envolvendo de sete a dez estudantes em cada cobertura ao vivo. A equipe é reforçada por um técnico de áudio, um técnico de externa, um motorista e um professor-orientador. O grupo conta com dois estudantes-monitores que auxiliam o professor na supervisão do desempenho da equipe e também na logística que demandam as transmissões<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup>Merece referência o fato de que o veículo é a segunda emissora universitária do Brasil (a primeira, de 1957 é a da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), criada, segundo Spenthof (2005), no ano de 1962 pela Reitoria da Universidade Federal de Goiás por meio da Resolução nº 14. A concessão foi outorgada em 1965.

<sup>13</sup>As questões de logística estão relacionadas aqui à reserva de transporte; negociação dos horários de transmissão com a área de produção da emissora; deslocamento e uso de equipamentos; divisão de funções nas coberturas e trâmites burocráticos na aquisição de credenciais para a equipe de estudantes, entre outros.



O apoio institucional é imprescindível ao projeto. Microfones com-fio e sem-fio, aparelhos de retorno, fones de ouvido, mesas de distribuição de áudio e de fones e uma linha telefônica são os equipamentos básicos para a transmissão. Sem usar patrocinadores oficiais, as coberturas esportivas recebem uma significativa contribuição no âmbito logístico da Pró-Reitoria de Administração e Finanças da Universidade Federal de Goiás, que subsidia as coberturas esportivas com auxílio técnico e de pessoal. O esforço em colocar no ar as transmissões do **Doutores da Bola**, por ser a única programação desenvolvida fora dos estúdios da Rádio Universitária, sofre perdas no áudio e, algumas vezes, forçou o cancelamento de transmissões, em função de problemas que vão de falhas na linha telefônica até a falta de profissionais técnicos para dar suporte às coberturas. Ainda assim, é um dos horários mais ouvidos e que mais tem repercussão na emissora.

Embora o espaço reservado e a linha telefônica fixa tornem o Serra Dourada o principal cenário de jornadas esportivas, há tempos o **Doutores da Bola** tem atuado em outras praças esportivas, especialmente na região metropolitana, como Anápolis, Aparecida de Goiânia e Trindade<sup>14</sup>. A maior preocupação é acompanhar as equipes locais – Atlético Goianiense, Goiás e Vila Nova – nos diferentes certames futebolísticos<sup>15</sup>. No ano de 2014, as vésperas da Copa do Mundo, o grupo realizou inclusive a transmissão, durante quatro horas ininterruptas, do amistoso entre Brasil e Jamaica, ocorrido em Goiânia, na reta final de preparação da Seleção Brasileira para a competição.

Além da questão do **Doutores da Bola** ser a única transmissão externa, o projeto tem outro aspecto curioso: é um dos raros espaços da programação destinado à cobertura esportiva na Rádio Universitária da UFG<sup>16</sup>. O fato das jornadas dependerem de horários alternativos, nas noites e nos finais de semana, exige uma permanente negociação com o departamento de produção para readequação da grade de programas. Apesar da identificação histórica da Rádio Universitária com uma programação musical diversificada e erudita, a inserção das transmissões esportivas tem o aval da direção e dos funcionários da emissora. Este entendimento interno também tem contribuído para a longevidade do **Doutores da Bola**, uma vez que é constante a necessidade de auxílio técnico, profissional e, acima de tudo, institucional.

---

<sup>14</sup>As transmissões fora do Estado de Goiás são mais escassas, mas a equipe já realizou transmissões de final de Copa do Brasil entre 2006 e 2008.

<sup>15</sup>As competições se referem ao Campeonato Goiano, Copa do Brasil, Copa Sul Americana, séries A, B, C e D do Campeonato Brasileiro.

<sup>16</sup> O outro programa que trata de esporte na emissora também é laboratorial, o **Fanático Esporte Clube**.

## Uma proposta laboratorial para as rotinas produtivas nas coberturas esportivas

“Entra em campo a equipe de esportes da Rádio Universitária!”. O texto da vinheta anuncia a abertura de mais uma jornada esportiva do **Doutores da Bola**, uma ousada proposta de ensino laboratorial de jornalismo esportivo do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás que realizou, em uma década e meia de existência, mais de 950 transmissões de jogos de futebol<sup>17</sup>, envolvendo equipes de Goiânia nas mais diferentes competições futebolísticas amadoras e profissionais. Ao longo desse período, atuou na formação de inúmeros jornalistas esportivos com diferencial teórico, técnico e prático para atuar no mercado de trabalho local e nacional.

O propósito do projeto laboratorial é mesmo reproduzir o ambiente de um programa radiofônico especializado na cobertura ao vivo de competições esportivas, com ênfase ao futebol. Como atividade, propõe o domínio das várias etapas do trabalho jornalístico no âmbito esportivo, do planejamento ao produto final. O imprevisto é outra tônica do laboratório. Embora conte com o espelho para roteirização da apresentação, as coberturas têm grande parte de sua execução feita no imprevisto, um exercício que simula uma transmissão esportiva profissional.

Depoimentos de alguns ex-alunos do **Doutores da Bola** dão uma dimensão da relevância que o projeto apresenta na formação no campo prático do jornalismo esportivo<sup>18</sup>:

O período em que fiz os **Doutores da Bola** aprendi a ter uma visão mais crítica do esporte, com uma cobertura imparcial e de relevância para o ouvinte. (...) A diferença é a liberdade de criação. Por ser uma emissora pública, a preocupação com a audiência não interfere no produto, por isso cada um podia elaborar qualquer tipo de conteúdo. Essa liberdade de criação foi o que melhor aconteceu durante o período em que estive no **Doutores**. (Thiago Rabelo, 28, editor de esportes do Jornal O Popular)

No **Doutores da Bola** o estudante se familiariza com o microfone, com as coberturas ao vivo, que exigem dedicação e prática. Nele pude conhecer a rotina das coberturas esportivas e aprender por meio da prática. Os profissionais admiram o trabalho principalmente porque o **Doutores** foi responsável pela formação de muitos colegas. (...) Poucos tiveram a oportunidade de ter esse tipo de experiência na universidade. (Jessica Cardoso, Mestranda em

<sup>17</sup>Dados registrados em julho de 2015.

<sup>18</sup>KRUGER, Luiz Eduardo. Entra em campo a equipe esportiva da Rádio Universitária. In: ALVES, Fábio; KRUGER, Luiz Eduardo e SEMERENE, Guilherme. **De Primeira**: suplemento esportivo para jornal impresso. Trabalho de Conclusão de Curso FIC-UFG, Goiânia, 2013, p. 7)

#### Jornalismo)

Sem medo de dizer, o **Doutores da Bola** foi fundamental para que eu pudesse conquistar meu espaço no mercado de trabalho. O fato de já ter noção de reportagem, comentários, apresentação, narração e coordenação da equipe facilitou para que fosse contratado pela emissora que até hoje atuo. (Vinícius Tondolo, 28, repórter esportivo da Rádio 730AM)

No projeto, o fazer jornalístico radiofônico cujo entendimento se inicia em sala de aula, entre momentos de auto-crítica e de orientações, é literalmente colocado à prova em campo, uma oportunidade do estudante experimentar uma atividade profissional, exibida ao vivo numa das emissoras mais tradicionais do estado de Goiás<sup>19</sup>. Um aprendizado essencialmente prático, mas capaz de inserir o aluno num cenário no qual a produção ao vivo tende a ocupar espaço cada vez mais privilegiado nas mídias jornalísticas. No universo das coberturas, este conhecimento se expande para o campo das relações pessoais, não apenas com o trabalho em equipe, mas com profissionais do rádio goiano, o que torna o laboratório uma vitrine para o mercado de trabalho<sup>20</sup>.

O caminho percorrido pelo estudante do Curso de Jornalismo da UFG no projeto é bem definida e prevê um grande esforço do aluno na adequação das diferentes atividades que o esperam no **Doutores da Bola**. Ao ingressar no laboratório, o discente passa a desempenhar o papel de auxiliar de plantão, ou seja, permanece na emissora acompanhando e entendendo o funcionamento da transmissão. Após a realização de testes de locução e algumas participações nessa função inicial, o aluno começa a atuar como plantão esportivo<sup>21</sup>, trazendo resultados e informações das mais diversas competições e modalidades esportivas. Ao completar um número mínimo de participações como plantonista e apreender a dinâmica da atividade, está apto a participar das transmissões no estádio. Lá irá atuar como âncora, aluno responsável pela elaboração do espelho da

---

<sup>19</sup>Levantamento recente, feito entre os dias 4 e 16 de junho de 2015 pela agência Contato Comunicação, colocou a Rádio Universitária como a terceira emissora AM mais influente de Goiás. **Rádio Universitária é eleita terceira emissora AM mais influente em Goiás**. In: <http://www.contatocomunicacao.com.br/premios/os-mais-influentes-da-comunicacao-em-goias>, acesso em 5 de julho de 2015.

<sup>20</sup>A estratégia de colocar o aluno em sintonia com o mercado de trabalho, especificamente no âmbito do jornalismo esportivo, também é empregada em outras escolas pelo país. No caso da Faculdade Cásper Líbero, desde 2003 é produzido e apresentado o programa *No Vestiário*, exibido na Rádio Gazeta AM 890. O resultado disso é que no site da Gazeta Esportiva ([gazetaesportiva.net](http://gazetaesportiva.net)) quase a totalidade dos repórteres é formada por alunos da faculdade. (UNZELTE E PRADO, 2009)

<sup>21</sup>**Plantão esportivo:** *locutor* que, escudado em um arquivo atualizado e no trabalho de radioescutas e de produtores, dá informações adicionais a respeito do que acontece durante uma transmissão esportiva. Assim, a ele cabe situar o ouvinte, fornecendo detalhes em relação a campanha de uma agremiação ou de um atleta, além de noticiar resultados paralelos ao evento narrado (FERRARETO, 2014, p. 216, grifo do autor).

cobertura esportiva e da distribuição das falas durante o pré e o pós-jogo. Na sequência, assume as funções de comentarista, repórter e, dependendo do grau de interesse do estudante, da atividade de narrador<sup>22</sup>.

As jornadas esportivas têm uma duração média de três horas, com direito a cobertura pré e pós-jogo. Uma rotina estafante que atualmente se repete, em média, duas vezes por semana. A prática repetitiva das funções faz o **Doutores da Bola** um espaço essencial para o desenvolvimento de técnicas de locução. A liberdade criativa torna-se um dos elementos que prolonga a experiência dos estudantes no projeto, tendo em vista que pelo menos metade dos que ingressam no laboratório permanecem até a conclusão do curso.

Num encontro semanal, que ocorre nas dependências da própria Rádio Universitária da UFG, é realizada uma avaliação sobre as transmissões e acerca do desempenho de cada integrante na função a qual foi designado. Nessa instância, são apresentados pontos que podem ser melhorados, além do destaque para os aspectos positivos de cada transmissão. A avaliação do desempenho do estudante leva em conta especialmente a dedicação, espírito de equipe, responsabilidade e cumprimento de funções atribuídas, predisposição ao aprendizado, assimilação efetiva das técnicas de práticas do radiojornalismo esportivo e sua capacidade de executá-las, aptidão para reflexão crítica sobre o seu fazer, independência e postura ética.

A despeito da ideia de que o projeto ensina a partir da prática, o projeto **Doutores da Bola** sempre contou com a supervisão de um professor-orientador, que atua nas diferentes etapas do projeto. E este acompanhamento, como já foi observado, vai muito além do plano pedagógico, exigindo o auxílio direto de dois monitores e o apoio recorrente de um grupo de servidores da UFG e profissionais da Rádio Universitária para a realização das coberturas esportivas. O conjunto de fatores que permeiam as transmissões, entre eles o do constante enfrentamento de problemas técnicos, estão inseridos nos processos de planejamento e avaliação das jornadas.

Existe uma notória necessidade dos cursos de jornalismo dialogarem com os diferentes campos de especialização. Entre estas áreas, observa-se a de esportes, uma editoria/departamento que sofre de um preconceito histórico das escolas que ainda pensam

<sup>22</sup>**Comentarista:** representa um elemento de opinião. Durante a transmissão de um evento esportivo, analisa, considera, sugere, opina e critica o que está ocorrendo. **Repórter:** na transmissão ao vivo de uma partida de futebol, pode assumir a função de repórter de campo, constituindo-se no integrante da equipe mais próximo dos lances, ou fazer o acompanhamento das manifestações da torcida nas arquibancadas. **Narrador:** misturando informação e emoção, o narrador segura a transmissão de um evento esportivo, descrevendo-o em detalhes, mexendo com a sensorialidade do ouvinte e fornecendo a ele uma visão do que acontece (FERRARETO, 2014, p.216)

a produção jornalística sob uma perspectiva aristocrática, desvinculada da realidade sociocultural. O jornalismo esportivo deve ser tratado para além do mero entretenimento; como um campo profissional que exige uma formação qualificada, a experimentação, a crítica que deve questionar inclusive a prevalência do futebol nas coberturas. Ressalta-se, assim, que os currículos de graduação precisam estar atentos à áreas de atuação tão relevantes no âmbito do consumo midiático, como é o caso do jornalismo esportivo para a mídia radiofônica.

Para concluir, deve-se reconhecer que o **Doutores da Bola** está longe de ser um modelo acabado de ensino de jornalismo esportivo. Ao contrário, a efemeridade dos produtos radiofônicos exigem constantes reformulações, como na elaboração de vinhetas e bordões que dão o ritmo da transmissão. Se as coberturas evidenciam imperfeições de toda ordem (vocal, vocabular, contextual, fonética, respiração, interpretação, linguagem, entre outras), permitem um repensar da prática sem as pressões do mercado profissional e sob um olhar pedagógico. Os encontros semanais obrigatórios se constituem num espaço reflexivo das transmissões esportivas, conduz a um olhar diferenciado desse tipo de atividade jornalística e cria a perspectiva de transformações afirmativas para um tema de grande significação no contexto da cultura popular brasileira. E, do ponto de vista acadêmico, como assinalam as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a área, o laboratório vem ao encontro das exigências relacionadas ao campo da especialização que se fazem necessárias nas atuais matrizes dos cursos de jornalismo.

### Referências:

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013.

BARBOSA, Filho André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BETING, Mauro. **Pago para ver** – Jornalista futebolístico deveria vestir a camisa de sua profissão, e não apenas a camisa do patrão. In: VILAS BOAS, Sergio (org.). **Formação & Informação Esportiva** - jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio – Teoria e Prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

KRUGER, Luiz Eduardo. Entra em campo a equipe esportiva da Rádio Universitária. In: ALVES, Fábio; KRUGER, Luiz Eduardo e SEMERENE, Guilherme. **De Primeira**: suplemento esportivo para jornal impresso. Trabalho de Conclusão de Curso FIC-UFG, Goiânia, 2013.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Para uma pedagogia do jornal-laboratório**. Santos (SP): Unisantos, 2001.

MAIA, Alex. Esporte nas ondas da Rádio Universitária. In: **Jornal UFG**, Ano IX, nº 70. Goiânia, março de 2015.

MESSA, Fábio de Carvalho. **Jornalismo Esportivo não é só entretenimento**. 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Maceió, 2005.

RÁDIO UNIVERSITÁRIA É ELEITA TERCEIRA EMISSORA AM MAIS INFLUENTE EM GOIÁS. In: <http://www.contatocomunicacao.com.br/premios/os-mais-influentes-da-comunicacao-em-goias>, acesso em 5 de julho de 2015.

SANTUÁRIO, Marcos. **Edição em Rádio**: Ensinar é preciso, escolher não é preciso. In: FELIPPI, Ângela. SOSTER, Demétrio A. e PICCININ, Fabiana (orgs.). **Edição em Jornalismo** – Ensino, Teoria e Prática. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006, p. 96-106.

SPENTHOF, Edson Luiz. **Aprender fazendo e fazer pensando**: Breve análise dos quase 40 anos de experiência pedagógica do Curso de Jornalismo na Rádio Universitária da UFG. In: FERRAZ DE MAIA, Juarez (org.). **Jornalismo UFG**. Goiânia: Funape/Facomb, 2010, p. 93-101.

\_\_\_\_\_. **A experiência laboratorial da Rádio Universitária e o debate sobre o aperfeiçoamento pedagógico dos cursos de jornalismo**. 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Maceió: 2005.

UNZELTE, Celso e PRADO, Magaly (org.). **Jornalismo Esportivo** – Relatos de uma paixão. São Paulo: Saraiva, 2009.

VILAS BOAS, Sergio (org.). **Formação & Informação Esportiva** - jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus Editorial, 2005.